

Um olhar poético sobre amores racializados¹

Cassiano Lucas dos Santos²

Amanda de Paula Almeida³

Universidade Federal de Ouro Preto — UFOP

RESUMO

Através de discussões sobre cinema, subjetividades afetivas, raciais e amor - embasando-se, principalmente, nas discussões de hooks (2010; 2021) sobre o último tema -, busca-se analisar dois filmes estadunidenses: Judas e o Messias Negro (2021) e Queen & Slim - Os Perseguidos (2019). Objetiva-se a compreensão das formas com as quais os dois casais negros presentes no filmes conseguem se abrir para experiências afetivas e vulneráveis mesmo em meio a uma realidade marcada por violência e opressão nos Estados Unidos. Para isso, utiliza-se dos caminhos de análise fílmica propostos por Wilson Gomes (2004) enquanto metodológico deste artigo.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema; racialidade; afetos e relacionamento;

INTRODUÇÃO

O amor, representado nas telas, nos livros, nas propagandas, nas novelas e no imaginário coletivo, muitas vezes é revestido de uma perspectiva cósmica e esotérica, sendo compreendido como uma força irrefreável, natural e infinita. No entanto, como argumenta hooks (2021) em Tudo sobre o amor: Novas perspectivas, a dificuldade da sociedade em vivenciar um amor genuíno, saudável e honesto decorre justamente da carência de uma definição mais profunda desse sentimento. Diante disso, é necessário conceber o amor para além do senso comum, analisando seus significados políticos, históricos e sociais, bem como o ato de amar enquanto uma escolha.

O presente artigo examina, com base nas discussões propostas por bell hooks, para tanto, toma-se como objeto de análise as produções cinematográficas Judas e o

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GT02SE - Comunicação antirracista e pensamento afrodiáspórico), evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Mestrando em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto, e-mail: cassiano.santos@aluno.ufop.edu.br.

³ Mestrando em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto, e-mail: amanda.pa@aluno.ufop.edu.br.

Messias Negro (2021), dirigido por Shaka King, e Queen & Slim - Os Perseguidos (2019), dirigido por Melina Matsoukas. Ambos os filmes retratam condições sociopolíticas e históricas que refletem diretamente a realidade negra estadunidense.

Judas e o Messias Negro é uma cinebiografia de Fred Hampton (interpretado por Daniel Kaluuya), revolucionário e líder do Partido dos Panteras Negras. Ambientado no ápice do movimento pelos direitos civis nos EUA, na década de 1960, o filme narra a trajetória militante, a vida e a morte do presidente do partido marxista em Illinois. Em meio aos eventos que culminam em seu assassinato, a narrativa apresenta Deborah Johnson (Dominique Fishback), também militante do partido, que se torna companheira de Hampton. No momento de sua morte, Deborah estava no último mês de gestação do primeiro filho do casal.

Por sua vez, Queen & Slim - Os Perseguidos, embora não seja baseado em uma história real, expõe a violência policial e a tensão racial nos EUA. O filme acompanha Queen (Jodie Turner-Smith) e Slim (Daniel Kaluuya), que, após uma abordagem policial violenta, matam um agente branco em legítima defesa. Com a viralização das imagens do incidente, o casal se transforma em símbolo de resistência negra, evocando até mesmo referências ao partido dos Panteras Negras.

Vale ressaltar que o amor transgressor e ousado retratado nessas obras não se confunde com as relações cotidianas entre indivíduos negros. Apesar da histórica desumanização e hiperssexualização desses corpos, ainda é possível observar relações afrocêntricas como um universo possível, mesmo que muitas vezes influenciadas por valores brancos e patriarcais. As narrativas analisadas, assim como as reflexões de hooks, apontam para uma nova forma de amar — um sentimento que pressupõe compreender as adversidades do outro, reconhecer os impactos do contexto social e, sobretudo, trilhar um caminho de autoconhecimento e respeito mútuo dentro da relação.

METODOLOGIA

Para melhor estabelecer os parâmetros discursivos e analisar as obras mediante lentes críticas, será tomada como balizadora a discussão de Wilson Gomes ao redor da análise fílmica, em especial o seu pensamento sobre a poética no cinema.

O autor sugere que consideremos os filmes como um produto composto por um conjunto de meios. Nos propondo, a partir daí, a identificar a forma como esses meios

foram estrategicamente agenciados e estruturados, é possível, conseqüentemente, identificar os efeitos ali produzidos.

Propondo a análise fílmica a partir de alguns conceitos Aristotélicos, Gomes (2004) desenvolve sua argumentação a partir da noção de que, além de se preocupar com a produção, o criador deve também ter em mente as interpretações e opiniões que serão formadas a partir de sua obra. Para ele, é papel deste criador, o compositor de representações, o poeta, projetar, prever e organizar os efeitos que serão percebidos na apreciação, que devem ser adequados para o seu gênero de obra. (Gomes, 2004, p. 95).

Em outras palavras, para o autor, o processo de interpretação de uma obra não deve ser deixado solto pelo criador da mesma, deve ser uma prática dirigida e minimamente direcionada às conclusões almeçadas por ele.

O filme pode ser compreendido corretamente se for visto como um conjunto de dispositivos e estratégias destinadas à produção de efeitos sobre um espectador. Os efeitos que se realizam na apreciação são previstos na criação (poesia), na poética da obra.

Assim, se a composição é uma obra apenas quando se realiza, como efetividade, como efeito, na apreciação. Por outro lado, é uma obra que se realiza pela arte, ou seja, através das capacidades do poeta, a quem a apreciação pode ser prevista e conduzida. Isto significa que a criação é uma atividade de artifício, de planejamento, de previsão e de produção de efeitos. O criador terá de construir, de alguma forma, a recepção da sua obra, terá de antecipar e prever os efeitos que ela irá desencadear. A criação é estratégia, estratégia de produção de efeito, estratégias de concertação e de organização dos elementos da composição com vista a prever e a solicitar determinados resultados (específicos a cada gênero) (Gomes, 2004, p. 95).”

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para fundamentar a discussão proposta neste artigo, é essencial articular a questão racial à subjetividade. Ana Paula Pereira Gomes (2007) recorre ao conceito de "trabalho emocional", cunhado por Arlie Hochschild, para analisar o que denomina "administração de emoções". Isto é, o esforço empreendido por grupos subalternizados para produzir emoções que "devem ser sentidas e representadas, seja para proteger a autoestima de depreciações, seja para dissimular emoções não vivenciadas" (Gomes, 2007, p. 531).

Essa perspectiva permite compreender o sujeito negro a partir das opressões individuais e coletivas que se manifestam em ataques subjetivos à imagem, de si próprio e do grupo. Tais violências geram condições desfavoráveis, às quais os indivíduos reagem de maneiras distintas, conforme suas estratégias de gerenciamento emocional. Gomes (2007) destaca a necessidade de construir uma autoimagem e uma identidade coletiva pautadas em representações positivas, uma vez que não há representações públicas sobre negritude que criem um imaginário coletivo otimista. Essa dinâmica relaciona-se ao que Neusa Santos Souza define como o "mito negro" e ao processo de "tornar-se negro".

bell hooks (apud Santos, 2020) explora as raízes históricas dessas representações negativas e seu impacto nas formas como pessoas negras percebem e experienciam o amor romântico:

A escravidão condicionou os negros a conter e reprimir muitos de seus sentimentos. O fato de terem testemunhado o abuso diário de seus companheiros - o trabalho pesado, as punições cruéis, a fome - fez com que se mostrassem solidários entre eles somente em situações de extrema necessidade. (...) Então, aprenderam a seguir seus impulsos somente em situações de grande necessidade e esperar por um momento "seguro" quando seria possível expressar seus sentimentos. (hooks apud Santos, 2020, p.72)

Nesse sentido, a "administração de emoções" revela-se profundamente vinculada às vivências afetivas. Gomes (2007) argumenta que atitudes aparentemente desdenhosas ou irônicas podem ser, na verdade, estratégias de preservação subjetiva diante das estruturas imagéticas degradantes mantidas pela estrutura social. Como explica a autora, "trata-se de uma saída possível: diante de um irremediável e humilhante 'Não Posso', constrói-se um orgulhoso 'Não Quero', menos doloroso, que contrapõe ao poder da estrutura implacável o desejo do sujeito" (GOMES, 2007, p. 533).

A arte e o ato de amar, devem dedicar tempo e energia expressando seu amor para outras pessoas negras, conhecidas ou não. Numa sociedade racista, capitalista e patriarcal, os negros não recebem muito amor. E é importante para nós que estamos passando por um processo de descolonização, perceber como outras pessoas negras respondem ao sentir nosso carinho e amor (hooks, 2010, p.10)

Dessa forma, as dores históricas — tanto coletivas quanto individuais — presentes no "mito negro" e na administração emocional forçada sobre corpos negros tornam frequentemente o amor um caminho invisível ou inacessível. No entanto, como

afirma hooks (2010, p. 12), "o amor cura". É preciso, entretanto, que pessoas negras escolham percorrer esse caminho, transcendendo os espaços degradantes e vexatórios, e compondo referências e espaços positivos para amar e serem amadas em plenitude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível assimilar, a partir dos pensamentos propostos por hooks que as relações afetivas racializadas, apesar de uma realidade e percepção cotidiana na sociedade estadunidense, são estabelecimentos afetivos que carecem, para se transformarem em um ambiente de carinho e cuidado, de uma compreensão histórica e sensível do lugar do negro no contexto cronotópico que se está inserido.

Essa percepção é explorada de forma atenciosa e efetiva em ambas as obras, já que ambos casais possuíam clara compreensão dos atravessamentos do que é ser um negro na sociedade dos Estados Unidos e da necessidade de compreender a afetividade racializada enquanto um lugar de confiança, carinho e respeito.

Tal diferenciação foge da famigerada relação amorosa de cortejo e romantismo da sociedade patriarcal e racista que frequentemente são a norma, tanto em obras cinematográficas quanto nas próprias relações, levando em consideração a narrativa ali explorada. Nesse sentido, é possível compreender a sensibilidade da direção e do roteiro em relação à maneira que as subjetividades, inseguranças e a forma como cada um se relaciona com o outro, com si mesmo e com o universo ao seu redor, são retratados.

Ancorados na discussão de Wilson Gomes, é possível também perceber os direcionamentos e as nuances sutis onde a produção dirige a percepção do espectador. Através da poética e do uso consciente de cada técnica em seu determinado contexto, a obra é eficiente em direcionar interpretações e explicitar sensações das personagens, o que torna mais acessível à assimilação do que é representado.

REFERÊNCIAS

GOMES, A. P. P. O Negro – **Individual, Coletivo, Self, Raça e Identidade**: algumas questões sobre o tornar-se negro e a auto-rejeição. Revista Cronos, [S. l.], v. 8, n. 2, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/1854>. Acesso em: 27 mar. 2025.

GOMES, Wilson. **La poética del cine y la cuestión del metodo en el análisis fílmico**. Revista Significação (UTP), Curitiba, v. 21, n. 1, pp. 85-106, 2004.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor**: Novas perspectivas. 9. ed. São Paulo: Elefante, 2021.

HOOKS, bell. **Vivendo de Amor**. Portal Geledés, São Paulo, 9 mar. 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor>. Acesso em: 20 mar. 2025.

JUDAS E O MESSIAS NEGRO. Direção: Shaka King. Produção: Charles D. King, Ryan Coogler, Shaka King. Los Angeles (EUA): Warner Bros. Pictures, 2021.

QUEEN & SLIM. Direção: Melina Matsoukas. Produção: James Frey, Lena Waithe, Melina Matsoukas, Michelle Knudsen, Andrew Coles, Brad Weston, Pamela Abdy. Los Angeles (EUA): Universal Pictures, 2019.

SANTOS, Ana Verônica Freire Monteiro dos. **Amor e resistência** – Bell Hooks e a escrita do amor. Cadernos de Pesquisas Multidisciplinares sobre Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero-CRSG, v. 2, n. 1, p. 64-76, 2020.

SANTOS, Neuza Souza. **Tornar-se Negro ou as Vicissitudes da Identidade do Negro em Ascensão Social**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1983.